

Renato Paiva

QUERIDOS PAIS, ODEIO-VOS

A DIFÍCIL TAREFA DE EDUCAR FILHOS ADOLESCENTES

a esfera  dos livros

ÍNDICE

Introdução	13
I. A RELAÇÃO COM OS PAIS	17
1. Pais, odeio-vos!	19
2. Mãe, és uma chata! Não me deixas fazer nada!	23
3. Pai, fica ao fundo da rua, não vás buscar-me à porta da escola!	29
4. Já te disse que não falas assim comigo!	33
5. Se me chateias, vou viver para casa do pai!	37
6. Mãe, já tenho 15 anos!	41
7. Mãe, mudei a fechadura do meu quarto!	46
8. Porque é que o mano pode e eu não?.	52
9. Se tu me castigas nas férias, nem sei o que faço!	56
10. Dizes para não me comportar assim, mas tu fazes exatamente o mesmo.	60
11. Se tiveres uma boa nota no teste, podes sair à noite no próximo fim de semana.	65
II. A ESCOLA, O TRABALHO E O DESPORTO	71
1. Vou já estudar. Já sei, pai, a escola é que é caminho!	73
2. Os professores são tão chatos!	79
3. Não, mãe, ainda não sei o que quero ser, mas nem engenheiro como o pai nem médico como tu!	84

4. Que mal tem ir para casa do João fazer o trabalho de grupo? . . .	89
5. Olha, não quero continuar a estudar. Vou trabalhar!.	93
6. Pai, as férias são para descansar, não para ir trabalhar	97
7. Sim, eu sei que o desporto faz bem!.	103
III. A SEXUALIDADE.	109
1. Mãe, este é o meu namorado!.	111
2. Pai, o meu namorado pode vir connosco de férias?.	116
3. De quem são estas revistas de mulheres nuas, João Maria?	122
4. Mãe, achas que leve preservativo?.	128
5. A primeira vez vai ser fantástica... Afinal, a primeira vez foi horrível!.	134
6. Todos se preocupam com a minha primeira vez, e as outras? . . .	137
IV. OS AMIGOS E AS SAÍDAS À NOITE.	143
1. Bolas, porque é que não posso trazer os meus amigos cá para casa?	145
2. Liga à mãe da Joana para a convenceres a deixá-la ir connosco ao bar!.	149
3. Dou-me com quem eu quiser, ou vais proibir-me de falar com os meus amigos?	153
4. Combinei com umas amigas irmos de férias sozinhas	157
5. Eu sou eu, a minha irmã é a minha irmã!.	163
6. Vais tirar-me o telefone? Como é que convivo com os meus amigos?	167
7. Livra-te de ir buscar-me às 3h00, olha que é às 4h00!.	171
8. Mãe, hoje chego tarde! Vou à discoteca com as minhas amigas .	178
9. Ela já não é minha amiga.	182
10. Até que enfim, na viagem de finalistas é que vai ser.	187
V. UMA QUESTÃO DE ESTILO.	193
1. Mãe, não vou usar isso, já passou de moda há bué!	195
2. Não gostas, paciência, o cabelo é meu!	199
3. Maria, não vais sair assim: isso não é uma saia, é um cinto! . . .	203
4. Bem te disse que ia fazer uma tatuagem! Tu é que não acreditaste!.	207

VI. OS VÍCIOS E O CONSUMISMO	213
1. Estive no café, claro que cheiro a tabaco!	215
2. Drogados são só aqueles que se injetam.	221
3. Misturas? Não! Eu só bebo bebidas «brancas».	226
4. Vamos para casa da avó, mas vou levar o computador	231
5. Essa mesada nem dá para um <i>Happy Meal!</i>	237
6. Eu preciso mesmo, tens de me comprar! Eu preciso mesmo de comprar aquele telemóvel! Tem de ser aquele!	242
Modelo médico na definição dos problemas de comportamento	247
Bibliografia	249
Agradecimentos	254

Para os meus pais

Introdução

Parabéns, pais. O desafio é difícil! Ser pai e mãe de um adolescente significa viver de modo mais intenso. Implica um olhar permanentemente atento sobre os nossos filhos numa etapa tão intensa na vida deles! Tudo ferve a mil à hora e, felizmente, quase sempre com alguma tranquilidade. Descansem porque, apesar de o título ser forte, o livro não incide sobre situações limite. «Odeio-vos» pode parecer distante da vossa realidade, porque como verão mais à frente, o vosso filho ama-vos.

Lidar com «conflitos» na adolescência é tão frequente que se torna fundamental um livro que aborde esta temática de uma forma abrangente e refletida numa perspetiva pedagógica. Este não é um livro de psicologia sobre adolescentes. É uma perspetiva diferente daquelas que habitualmente encontramos, assente na pedagogia e englobando uma visão pessoal baseada nas centenas de casos com que me deparei desde que iniciei acompanhamentos. Os adolescentes chegam porque há alterações no aproveitamento escolar, mas, para poder intervir, é necessário desmontar as situações e perceber os contextos. São estes os alicerces deste livro: desconstruir as situações, fazendo valer os diferentes pontos de vista dos intervenientes e refletindo sobre eles.

Não existe aqui uma abordagem terapêutica, nem se apresentam soluções mágicas para todos os pais de adolescentes, mas um conjunto significativo de situações que invade de forma consistente a realidade quotidiana das famílias com adolescentes. Num ou noutra momento,

alguma das situações retratadas no livro irá emergir. Não da mesma forma, mas com uma mesma base.

Todos os capítulos abordam uma situação específica. Trata-se de casos reais, que se registaram e me foram chegando ao longo do tempo. Tornaram-se repetidos e, por isso, foram compilados num livro, que desejo ser um ponto de partida para uma reflexão mais rica sobre os vossos filhos.

Procurei aqui ser mais abrangente no que tradicionalmente se aborda nos livros sobre a temática da adolescência. Pretendo conseguir ajudar as famílias que convivem com realidades nem sempre fáceis na sua relação com filhos adolescentes. Tive a preocupação de relatar e retratar contextos frequentes, com os quais os leitores consigam identificar-se, para que, nas minhas palavras, revivam o seu dia a dia.

Tentei, contudo, ir um pouco mais longe, apresentando orientações e estratégias que possam ser refletidas e experimentadas na resolução de angústias diárias, decorrentes de relações interpessoais desconfortáveis.

Não tenho por objetivo que este livro seja um manual de soluções milagrosas, mas nele encontrará sugestões que, julgo, valerá a pena ter em consideração e experimentar, pois já foram postas em prática com resultados construtivos.

A minha intenção consiste em levar as famílias a refletir sobre os seus «problemas», como lhes chamam. Isto será já um bom princípio para poderem distanciar-se deles, adquirindo assim uma nova perspetiva, mais alargada, que contribua para ponderar as situações de modo mais seguro, para considerar estratégias de orientação e atuação, com as suas vantagens e desvantagens, e procurar, acima de tudo, a vossa solução. Que é única! Nem sempre é fácil, mas antes de recorrerem a um especialista que vos auxilie nesta tarefa, não devem demitir-se de, pelo menos, tentar.

Devem ter reparado que estou a escrever-vos em discurso direto, próximo, na primeira pessoa. Neste monólogo, sinto-me como se estivesse sentado ao vosso lado, a escutar, aconselhar e analisar em conjunto as vossas situações. Se as sentirem como vossas, talvez eu consiga ajudar-vos, ainda que de uma forma distante e sem nos conhecermos pessoalmente. Se não se identificarem com nenhuma delas, é porque,

pelo menos, já pensaram no assunto e assumiram uma posição perante a vossa situação em particular.

Como professor, como pai, como mãe, como tio, como avó, como amigo, seja qual for a relação que exista com os miúdos, as dificuldades fazem parte do crescimento. Aprender a superá-las, a erguer-nos perante as adversidades e a trabalhar a nossa capacidade de resiliência, faz-nos evoluir como pessoas.

São muitas as situações, bem como as estratégias envolvidas para as gerir, e todas elas podem ser aprendidas e treinadas. Como? É isso que irão aprender com este livro, pois ele transmite-vos o conhecimento das situações e o *know-how* de que necessitam para poder intervir no desconforto familiar e relacional com o vosso filho.

Este será o livro indicado para que:

Compreendam melhor o vosso filho adolescente;

Salvaguardem a relação com o vosso filho, tornando-a mais positiva;

Consigam perceber as causas das dificuldades relacionais;

Identifiquem sinais precoces de dificuldades relacionais;

Tenham uma atitude mais interventiva;

Conheçam estratégias de intervenção;

Consigam ter uma perceção mais global do tipo de intervenção a realizar;

Permitam que o vosso filho beneficie de uma adolescência saudável, tranquila e feliz.

Todo o esforço investido na perceção de dificuldades relacionais e na intervenção sobre elas é bem merecido, quanto mais não seja pelo facto de os adolescentes necessitarem de sentir que acreditamos e que não desistimos. Se desistirmos, facilmente desistem também.

Tive a preocupação de usar muito pouca linguagem técnica para que qualquer pessoa possa perceber facilmente as situações abordadas. Muitos pais lamentam-se que os livros sobre esta temática são demasiado técnicos e que têm muita dificuldade em entendê-los. Foi um desafio escrever desta maneira, apesar de estar habituado a conversar sobre estas questões com os muitos pais que me pedem ajuda e orientação para os seus problemas (assim lhes chamam) e, para mim, cada caso é também um desafio.

Desejo que este livro vos seja útil, quer no seu papel parental quer profissional, e que consigam dedicar aos adolescentes a atenção e a compreensão que eles merecem. Espero que este livro vos ajude, a vós que irão lê-lo do princípio ao fim, e desejo que considerem bem empregue toda a dedicação à sua leitura.

Tornem-se ativos, pensadores e atuem sempre que a vossa convicção vo-lo ordenar. Não se arrependam do que fizeram e não deixem passar muitas oportunidades! Os vossos filhos adolescentes merecem este esforço. Não percam tempo nem oportunidades! É que são escassas... O tempo não volta para trás.

I

A RELAÇÃO COM OS PAIS

Pais, odeio-vos!

– Não, querida. Gostamos muito de ti para permitir uma coisa dessas.

– Mas porquê? Que mal tem?

– Podes achar que não tem mal nenhum, mas nós achamos que sim.

– Que raio! Pais, odeio-vos!

No mundo encantado da paternidade existem, como nos contos de fadas, reis e rainhas, príncipes e princesas. Os filhos nascem e passam a ser o centro do mundo para pais e mães. Tudo o resto deixa de ser prioritário. No maravilhoso mundo dos reis e rainhas, príncipes e princesas, onde brincamos ao faz-de-conta, diferentes papéis são atribuídos aos personagens no momento da brincadeira. Tradicionalmente, todos gostamos de assumir papéis diferentes do que somos, e por isso simbolizamos neste mundo do imaginário. Curioso é reparar que, com maior frequência do que seria desejável, no mundo real, esses mesmos papéis parecem frequentemente invertidos; os reis que «mandam» são os mais jovens e os príncipes que os seguem são os adultos. Estes «reis» são quem decide, por si e pelos outros. Que escolhem, que ordenam, que com a sedução encantadora, a tirania da birra e o amuo, ou através de chantagem, levam a água ao seu pequeno moinho.

É importante que os filhos percebam, desde cedo, que não são o centro do Universo. Ou seja, que o Sol não gira à sua volta, mas eles à volta do Sol. Apesar de serem o mais importante na vida dos pais, não são reis. Fazer os filhos sentirem-se amados é fundamental, mas não os façam sentir-se os reis e as rainhas lá de casa. São os príncipes e as princesas, não os reis nem as rainhas.

Especialistas defendem que, para crescer, é preciso que os filhos chorem e sintam dor, vivam conflitos e que se sintam confrontados.

É desejo de todos os pais que os filhos sejam felizes, mas nem sempre conhecem como podem contribuir nesse sentido. Quando educam, os pais sabem que o fazem não para contrariar os filhos, mas porque é importante sofrer e aprender agora, do que mais tarde no futuro. Não é de ânimo leve que provocam sofrimento nos filhos. O coração da mãe ou do pai fica magoado, destroçado e colado com fita-cola enquanto durar o sofrimento dos filhos. Mas é assim que tem de ser. Os filhos podem não entender no momento o benefício de determinados comportamentos, mas no futuro irão agradecer.

Educar é sobretudo amar, e amar é impor limites. As regras e a disciplina são fundamentais numa caminhada para a felicidade na qual, quando necessário, é preciso dizer «não». O ajustamento do comportamento dos filhos e a marcação de limites com regras são mecanismos fundamentais para o crescimento harmonioso da personalidade deles.

Atualmente, os pais ainda educam muito para o sucesso e esquecem-se de ensinar para enfrentar e superar o fracasso, o que se calhar é ainda mais importante. Se o jovem for educado para aprender com os fracassos, saberá reagir perante uma adversidade, encontrando dentro de si a força, a energia e a coragem para gerir a situação. Os bons pais preparam os filhos para os aplausos; os pais brilhantes preparam os filhos para os fracassos.

Todos os pais desejam que os filhos sejam bem-sucedidos! Queremos que sejam bons no que fazem, que sejam reconhecidos, valorizados e aplaudidos. Bons estudantes, bons desportistas, bons amigos, bem-educados, bem comportados, asseadinhos, arrumadinhos e sorridentes. É bom que os pais tenham expectativas e desejos para os filhos, pois eles funcionam como metas e objetivos a cumprir e mobilizam esforço ao longo do tempo para a sua concretização. Os bons pais preparam os filhos para os aplausos, para que sejam bem recebidos, bem acolhidos e valorizados, o que faz crescer a autoestima dos mais pequenos, mas também o ego dos papás «grandes».

Saber reagir quando fracassamos é tão ou mais importante do que atingir o sucesso. Para alcançar um sucesso consistente e duradouro, o fracasso e a frustração devem fazer parte do processo de crescimento dos seus filhos enquanto pessoas. É nesses momentos de maior angústia que refletem sobre o que correu menos bem e que aprendem com

os erros. Os aplausos virão mais tarde! Virão com o tempo, e os filhos apreciarão ainda mais esses aplausos por serem mais permanentes e consistentes. Sentirão que resultaram do seu esforço, do seu empenho, do seu crescimento e do seu mérito.

Estar presente nos momentos de sucesso é bom, mas estar ao lado nos momentos de desânimo é ainda melhor. É nesses momentos que os pais podem inferir o que correu menos bem, refletir em conjunto e educar para melhorar. Dar sugestões, pontos de vista diferentes, criticar e indicar estratégias e caminhos possíveis de seguir...

Aprender com o erro e com a experiência faz-nos vivenciar os caminhos a não seguir e a não repetir. Por mais que os educadores indiquem que não devem ser esses os caminhos, a vivência é um argumento demasiado forte e com um impacto difícil de igualar. Deixe os seus filhos errarem, deixe-os experimentarem, deixe-os conseguirem, promova essa experiência. Eles aprenderão melhor. Contudo, esteja presente nesses momentos para os amparar. Podem cair, mas ajude-os a levantarem-se. O sucesso advirá da experiência e suportado pelos fracassos, e não evitando-os.

Dizer um «não» firme pode causar dissabores e dores de crescimento aos adolescentes, que ficam aborrecidos, irritados e com raiva por não verem satisfeitos os seus pedidos e as suas necessidades. É normal e faz parte do processo. Por muito irritados que fiquem consigo, lembre-se: os seus filhos não o(a) odeiam. A vida de um adolescente pode ser muito complicada e não se esqueça de que a vida dele não gira à nossa volta, nem das nossas vontades e expectativas. O que não significa que ele não precise de si. Muito pelo contrário, ele precisa de si mais do que nunca.

Por isso é importante que evite gritar com o seu filho adolescente, pois isso não ajuda em nada; aliás, só perturba a comunicação. Se o seu filho ou a sua filha tem um comportamento desadequado, trate-o como alguém responsável e explique calma e racionalmente porque é que o que fez o(a) deixou tão aborrecido e qual pode ser a consequência. Isso vai fazer toda a diferença!

Se conversar com o seu filho em vez de apenas definir regras, se considerar os seus pontos de vista, se mostrar uma preocupação verdadeira com a sua vida, se não presumir sempre o pior, se tiver disponibilidade

para lhe perguntar como foi o dia, será mais provável que consiga fortalecer um relacionamento mais aberto e positivo em que os filhos se sentirão mais confortáveis em dialogar consigo sempre que tiverem problemas ou apoquentações.

Ser rígido, com um relacionamento distante e frio, não evitará que experimentem tabaco, eventualmente drogas, façam sexo, pratiquem pequenos delitos... Isso só fará com que tentem escondê-lo de si. O mais certo é que, caso se envolvam nalgum problema, provavelmente evitem contar-lhe. No entanto, se conseguir estabelecer uma comunicação aberta, talvez consiga ajudá-los mais, fornecendo opções e escolhas mais informadas e conscientes. Lembre-se: deve manter-se sempre recetivo, acolher em casa os seus filhos e os amigos deles, e esteja preparado para ouvir as suas histórias. As boas e as menos boas.

Oiça o que o seu filho ou a sua filha têm a dizer, mas escute realmente as suas palavras. Pode ser que tenham algo muito importante a transmitir, mesmo que de forma camuflada e subtil. Evite dizer que está demasiado ocupado para eles. Entenda que, na verdade, eles já não são crianças. Eles já são os melhores amigos de alguém. Eles já são «uma pessoa». Já têm reputação, amigos e inimigos.

É uma altura da vida em que tentam encontrar-se e definir-se como pessoas, mas têm um ego demasiado elevado. Na sua perspectiva só eles têm razão, só o seu ponto de vista é o correto. É frequente o pensamento: «Vocês fazem de propósito para me chatear, têm prazer nisso!» Manifestam um egocentrismo exagerado, acreditando que tudo gira à sua volta e que as ações dos pais são sempre para os atingir e deixá-los triste e infelizes (dramatizam e lamentam-se como nunca).

É difícil criar empatia com os pais. Apesar de não gostarem, sentem a ambivalência entre a necessidade da regra e do «não», e o desejo de liberdade total. É através destas experiências angustiantes que os filhos amadurecem, tornando-se resilientes, com maior capacidade de reagir face às adversidades que a vida lhes reserva.

Há, durante a adolescência, muitos momentos em que os filhos pensam: «Pais, odeio-vos.» Na esmagadora maioria dos casos, o verdadeiro significado do «odeio-vos», é um «amo-vos e, por favor, não me deixem».

Mãe, és uma chata! Não me deixas fazer nada!

«Chateias-me sempre porque sou a filha mais nova. Achas que não tenho responsabilidade nenhuma. A mãe da Jéssica deixa, porque é que tu não deixas? Eu sou mais responsável que ela e nunca te menti (como ela faz), e mesmo assim não vale de nada o meu esforço, para quê fazê-lo então?! Quando eu chego, vou para a internet e estás constantemente a dizer que tenho de estudar; se eu estou no telemóvel, queres saber com quem falo, e muitas coisas mais. Sinceramente, já perdi a paciência. Não me deixas fazer nada!»

A maioria dos adolescentes já disse, ou pelo menos pensou, em algo do género: «És um(a) chato(a), não me deixas fazer nada!» Seja por um qualquer motivo, um pedido dos filhos não foi satisfeito e não lhes fazer a vontade deixa os filhos frustrados e a culpabilizar mães e pais.

É sempre fácil culpar os pais. Mas também é fácil compreendê-los. Compreender as suas atitudes torna-se simples para quem está a ajudar a perceber a situação. Mas nem sempre é assim tão simples para os adolescentes perceber o porquê de algumas atitudes dos pais, principalmente quando estas contrariam as suas vontades e interesses.

Os pais, naturalmente mais velhos e experientes, costumam antecipar potenciais perigos das atitudes dos filhos. É normal (e ainda bem) que os pais tenham tendência para evitar situações em que os seus «mais-que-tudo na vida» façam asneiras ou venham a sofrer. Porque antecipamos más companhias nas saídas com os amigos, porque imaginamos que se possa «partir todo» numa atividade radical, porque achamos que já são demasiadas saídas com os amigos, porque deveria

ocupar o tempo livre para a sua responsabilidade escolar, porque... porque...

As decisões dos pais são uma presença assídua no dia a dia. Frequentemente os filhos chegam com um novo pedido, com uma nova sugestão. A sua mente de adolescentes parece estar em hiperatividade com alternativas para tudo. Se dizemos que sim, voltam a pedir; se dizemos que não, inventam outra solução. Difícil, céus! Sim, é desafiante ser mãe ou pai de um adolescente. Mas os desafios superam-se!

Evitar as situações é que não! Importa salientar que isto raramente resolve a questão. Se os adolescentes não forem expostos de forma controlada à realidade circundante, não irão aprender a contextualizar-se nela. Terão maior dificuldade em integrar o que quer que seja quando o acesso lhes é negado.

Tal como na situação descrita inicialmente, verifica-se com muita frequência a comparação com os amigos, ou melhor, com as realidades dos amigos que mais lhes convêm. São típicas e constantes as comparações com outros modelos familiares de amigos com pais que têm registos e posturas diferentes. Como o ditado em que «A galinha da vizinha é sempre melhor que a minha». Uma mãe pode e deve mandar levantar a mesa e colocar a loiça na máquina, arrumar o quarto, e não deve comover-se nem um bocadinho quando ele/ela lhe diz que «todos os outros pais deixam!»

Pode ser a Jéssica hoje e, amanhã, a Luísa! Os adolescentes sentem que com referência a outros modelos parentais, os seus argumentos ganham mais força. «Afinal, se outros pais e mães o fazem, porque raio não podem os meus fazer?» Esta questão coloca os pais perante uma situação em que devem impor as suas regras familiares próprias. Não as dos outros. É bom conhecer as dos outros, mas são isso mesmo, dos outros. Com outras realidades, com outros valores culturais e familiares. Cada família é única, singular nas suas crenças, nas suas vivências, nos seus receios, nas suas liberdades, nas suas culturas e regras. A firmeza dos argumentos e convicções com que se responde perante este tipo de situações deve imperar. Assim como deve imperar no futuro não comparar atitudes e comportamentos dos amigos dos filhos. Ora, se não deve funcionar assim para os modelos parentais,

também não deve reverter a questão quando se trata dos modelos dos amigos dos filhos.

No exemplo descrito, verifica-se também uma desculpabilização do «eu». «Eu até sou boazinha... Faço coisas que as outras não fazem e de que é que isso me adianta?» Aqui entra igualmente um pouco a vitimização e a chantagem.

«Não vale de nada o meu esforço, para quê fazê-lo então?!» é indicador de colocar na discussão alguma pressão e chantagem. «Se não consigo o que quero, porquê esforçar-me?» A ideia é fazerem os pais pensarem: «Ou faço o que esta miúda quer ou da próxima vez, ela muda para um comportamento desajustado e teremos um problema maior para resolver.» A dúvida é natural, mas a firmeza deve singrar. São as regras que funcionam como carris por onde se anda. São elas que orientaram ontem e orientarão hoje e no futuro. Por isso, quando se diz que não a qualquer coisa, o «não» não é desajustado. Importa o uso do «não» por isto, por aquilo, por qualquer coisa que se fundamente e que seja o modelo para situações semelhantes. Pode-se e deve-se clarificar as *nuances* das situações. Cada caso é um caso e um «não» de hoje pode ser um *nim* de amanhã ou um «sim» da próxima semana. Mas evidencie as distinções da realidade que levaram a uma mudança de opinião. Explique claramente que este pedido é diferente por... (seja pela companhia, pelo local, pelo horário, pela logística...). Convém que exista sempre um motivo que o leva a decidir de modo diferente.

Nestas trocas de argumentos, um ponto a favor dos pais é colocar sempre em análise diferentes possibilidades. «Não te deixo fazer isso, mas permito que faças...» Todas as interações humanas se caracterizam por algum tipo de negociação entre duas pessoas que tentam dar e receber algo da outra. Neste diálogo, é útil que seja confiante, cortês, calmo e curioso. Estas situações, muitas vezes imprevistas e caídas do nada, podem alterar as suas emoções. Procure manter a calma em todos os momentos e não se esqueça de usar um tom positivo. Cultivar a curiosidade permite que você alimente interesse na conversa. Foque-se nas questões importantes e mantenha as suas emoções estáveis. Para isso, no início da conversa, procure falar menos e incentive o seu filho a falar. Como? Com perguntas que não sejam do

tipo «porquê?» O uso de questões desse tipo confere à comunicação um tom de interrogatório. (Utilize-as apenas para se preparar e não durante a conversa). Se falar mais que o adolescente, diminui a oportunidade de conhecer as suas razões. Use recursos como «fala-me mais sobre isso» ou «não compreendo, podes ser mais específico?» Após compreender de forma mais explícita o interesse dele, apercebe-se frequentemente de que existem enredos complexos por trás de pedidos simples! Proponha soluções «ganha-ganha». Coloque como hipótese situações em que o adolescente sinta que conquista algo, e que você também. Estes benefícios são ótimos instrumentos para uma situação de «ganha-ganha», em que ambos conseguem mais facilmente chegar a um acordo. Comece por comparar os argumentos e as alternativas apresentadas por ambos. Onde é que os dois se sobrepõem e encontram convergências? É aí que irá encontrar argumentos para propor um acordo que os satisfaça a ambos.

Que os filhos irão fazer asneiras, é uma certeza. É comum experimentarem quebrar regras, cometer pequenos excessos, sentirem-se mais rebeldes, senhores dos seus atos e assumirem comportamentos. Mas nestas situações de assumirem erros, o que geralmente acontece é mais um arranjar de desculpas do que assumir culpa. É natural os pais terem receios de possíveis comportamentos desajustados dos seus filhos. Conheço uma mãe que usava uma frase curiosa sempre que falava destes assuntos com o filho. Dizia com frequência: «Se me ligam para te ir buscar à esquadra, quem fica lá presa sou eu por causa da tarefa que levas mesmo lá.»

Não se sinta culpada por considerar que é firme com os seus filhos, nem tema que eles pensem que é uma mãe «chata». Saiba que os especialistas estão do seu lado e que, no futuro, os seus filhos irão reconhecer e agradecer a forma como foram educados. De acordo com um estudo realizado pela Universidade de Essex, na Inglaterra, filhos de mães rígidas são mais bem-sucedidos profissionalmente do que as crianças que foram criadas por mães menos firmes. Para este estudo, os investigadores acompanharam durante seis anos a vida de 15 500 adolescentes com idades entre os 13 e os 14 anos, e descobriram que os filhos com as mães que estabeleceram padrões mais elevados na sua educação tinham maiores probabilidades de alcançar

sucesso acadêmico e profissional. De acordo com esse mesmo estudo, um outro benefício de ser uma «mãe chata», é que mantendo a ordem e criando regras em casa, no futuro, os seus filhos tendem a tornar-se adultos conscientes e independentes.

E irão agradecer por isso. Estas frustrações que sentem são contextualizadas nesta fase do desenvolvimento. Quando forem mais velhos, por certo irão agradecer-lhe por ter exigido que batessem à sua porta sempre que fossem sair e chegassem mais tarde. Por ter exigido que experimentassem coisas que hoje reconhecem que lhes fazem bem e que na altura consideravam insuportáveis. Por ter perguntado inúmeras vezes pelos amigos e familiares, por querer saber mais sobre as companhias (boas ou más), assim como por tê-los obrigado a apresentar pessoalmente os amigos e amigas naquele momento em que quase morreram de vergonha.

Vão agradecer aquele dia em que não deixou a sua filha ir a uma festa porque considerava que o ambiente não era bom e depois, refletindo melhor, permitiu que ela fosse, mas foi também certificar-se das suas preocupações. Vão ficar gratos pelo embaraço quando subtilmente referiu que seria melhor puxar o autoclismo e abrir a janela da casa de banho para não deixar beatas na sanita nem cheiro a tabaco.

Vão também agradecer por lhes ter telefonado a perguntar onde estavam, com quem estavam e o que estavam a fazer. Por dificilmente permitir que dormissem em casa dos amigos durante a semana ou por querer constantemente ver o que estavam a fazer no computador e no telemóvel.

Irão, num futuro que parece longínquo, agradecer. Porque uma mãe como deve ser tem de pregar sermões insuportáveis, tem de assumir os seus valores e convicções sem medo, confirmar se os dentes estão lavados, apagar a televisão a meio de um programa, assim como desligar (sem remorsos) as geringonças eletrónicas se alguma das crias se recusa a ir para a cama, por se julgar na obrigação de pôr a conversa em dia com todas as amigas e inimigas.

Sim, as boas mães são chatas. Ser mãe não é algo que se estude, vai-se aprendendo todos os dias. Com erros e com êxitos. As mães são chatas porque são mães e querem o melhor para os filhos, embora eles não percebam isso agora. Sim, agora talvez não, mas um dia irão

agradecer-lhe por ser uma mãe chata. Vivam todas as mães e pais chatos do mundo. Um dia, os filhos irão perceber. Por isso, como referia Isabel Stilwell, «mães chatas» de todo o Universo, unam-se para lhes darem cabo do juízo!

Pai, fica ao fundo da rua, não vás buscar-me à porta da escola!

– Joana, hoje sou eu que venho buscar-te à hora do almoço.
– Ok. Mas, pai, espera ao fundo da rua, não pares à porta!

Por alturas da adolescência, os filhos começam a querer afirmar-se como independentes. Procuram autonomizar-se e fazer-se de crescidos já com capacidade de decisão, de escolha, num processo de afirmação perante os pares. Na adolescência, há um afastamento natural, para que os filhos possam testar a sua autonomia.

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento marcada por diversas transformações corporais, hormonais e comportamentais. Os jovens apresentam mudanças nas suas relações sociais, requerendo muitas vezes um tempo de isolamento e afastamento da família e de aumento de proximidade com os pares/grupo de amigos. Estas relações revelam-se de extrema importância para a exploração do mundo e para a construção da identidade do seu filho, essenciais para a sua vida individual.

Nesta conquista ainda insipiente de autonomia, mostrar-se-ão mais maduros, mais autónomos se fizerem coisas diferentes das que faziam antes. Sobretudo as que envolvem ajudas parentais. De diferentes perspetivas. Seja na escolha da roupa, do curso, dos amigos, do que fazer no tempo livre...

É aqui que, muitas vezes, o que naturalmente faziam em família começam a querer fazer sozinhos. Este capítulo é exemplificativo disso mesmo. Se até então era normal que pais e mães fossem levá-los e buscá-los à escola, os jovens passam a encarar esta situação como

embaraçosa e, por vezes, como motivo de chacota. Passam a ser vistos como os meninos e meninas da mamã e do papá.

Querendo dissociar-se dessa imagem social perante os outros, evitam situações e exposição, mas a sua segurança ainda não é muita. Se assim fosse, mesmo que morassem longe, haveriam de encontrar outra alternativa que não a utilíssima boleia dos pais. Arranjam muitas desculpas para evitar que a «limusina» e o «mordomo» parem diante da escola para «Sua Alteza» sair da viatura. Porque está trânsito, porque é sempre um sarilho arranjar lugar para estacionar, porque empata o trânsito, porque «fiquei de me encontrar com umas amigas aqui antes de ir para as aulas para não irem sozinhas»... A imaginação é fértil!

Já imaginou a vergonha que é para os adolescentes sentirem o olhar reprovador dos amigos e conhecidos ao verem os papás deixarem-nos na escola. Isso é de criança. E ainda para mais despedirem-se com dois beijinhos! Isso é ainda pior, é muito *vintage* para os adolescentes que querem passar a imagem de já serem crescidos!

A família é a instituição que influencia e é influenciada. Desde o nascimento, no crescimento e nas relações que cada jovem estabelece com outras pessoas, existe sempre uma interferência, mesmo que pequena, da família. É como se houvesse uma interdependência que se estende ao convívio social que, neste período, se caracteriza pela necessidade de sentimento de pertença e aceitação por parte de um grupo.

Outra abordagem desta questão é os miúdos sentirem frequentemente que vamos levá-los e buscá-los à escola para os «controlar». Para vermos com quem estão, quem são os seus amigos, como se despedem, se há olhares marotos e suspeitos para rapazes ou raparigas, se há fumos nas proximidades que indiciem uma necessidade de chamar os bombeiros, se cumprem horários, se estão com a mesma roupa com que saíram de casa ou se já mudaram sorrateiramente por uma de que mais gostam e levam escondida na mochila de uma amiga!

Esse sentimento de controlo é inibidor e constrangedor de uma relação saudável. São típicos os comentários do género: «Fazes isso para me controlar, porque eu já tenho idade para ir para a escola sozinho e tu continuas a insistir em levar-me.» É uma fase da vida onde se querem assumir as rédeas, mas onde se devem igualmente querer acatar e assumir responsabilidades. O sentimento de proteção para com os